

SIHAM BOEHM IBRAHIM ARRAM

A QUESTÃO DA COMPETIÇÃO
NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE 1ª À 4ª SÉRIE

Monografia apresentada como
pré requisito de conclusão do
Curso de Licenciatura em
Educação Física do
Departamento de Educação
Física da Universidade Federal
do Paraná.

CURITIBA

1994

SIHAM BOEHM IBRAHIM ARRAM

A QUESTÃO DA COMPETIÇÃO
NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE 1ª À 4ª SÉRIE

Monografia apresentada como
pré requisito de conclusão do
Curso de Licenciatura em
Educação Física do
Departamento de Educação
Física da Universidade Federal
do Paraná.

Orientador: Prof. Paulo Air Micoski

SUMÁRIO

<u>RESUMO</u>	iv
1 <u>INTRODUÇÃO</u>	01
1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA	01
1.2 JUSTIFICATIVA	02
1.3 OBJETIVOS	02
2 <u>REVISÃO DE LITERATURA</u>	03
2.1 A COMPETIÇÃO	03
2.2 A COMPETIÇÃO COMO FATOR DE MOTIVAÇÃO NA ATIVIDADE FÍSICA DA CRIANÇA	05
2.3 ANSIEDADE: EFEITOS POSITIVOS E NEGATIVOS	10
2.4 INFLUÊNCIAS EXTERNAS	13
2.4.1 Envolvimento dos pais	13
2.4.2 A postura do professor	15
2.4.3 O convívio com os colegas	17
2.4.4 Os meios de comunicação	17
2.5 O JOGO	18
3 <u>CONCLUSÃO</u>	22
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	25

RESUMO

É comum verificar-se nas aulas de Educação Física de 1ª à 4ª série a presença espontânea e quase constante da competição entre as crianças. A análise das causas e efeitos desta atitude no desenvolvimento, como um todo, na criança, é no que se fundamenta o presente trabalho.

Questões como a motivação, a ansiedade, fatores externos que vêm a interferir no processo educacional da criança e, o jogo devidamente inserido, são analisadas e polemizadas. Faz-se necessária, então, a compreensão do que vem a ser a competição neste contexto. Para NAHAS (1981) a competição é intra-grupal e visa estimular a melhoria dos padrões individuais e favorecer a existência de muitos vencedores, descaracterizando a negatividade da derrota.

Há um consenso entre autores de que motivar uma criança vai além de encorajá-la com prêmios (SERPA, 1990; SINGER, 1977; CRATTY, 1984; BERGAMINI, 1986). O conhecimento dos fatores que motivam a criança é essencial, bem como a melhor forma de usá-los.

Também é relevante perceber a influência dos adultos na vida e atividades da criança. Portanto, é o professor quem buscará conduzir as atividades de forma descompromissada com a vitória. Deverá proporcionar aprendizagem por meio das atividades competitivas, descaracterizando-a da valorização dos melhores, ou vencedores, e solicitando a importância individual nas atividades. Conclui-se que a competição é essencial ao desenvolvimento humano e não pode ser relegada na escola. A maneira de aplicá-la corretamente é fator preponderante nas atividades de Educação Física.

1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

As aulas de Educação Física de 1ª à 4ª série são, basicamente, desenvolvidas através de diversos jogos. Esta é uma forma motivante e interessante para a criança. Neste tipo de atividade começam a surgir formas de comparação e, conseqüentemente, a necessidade de competição na criança.

É notável que a competição pode vir a se manifestar de forma espontânea dentro do grupo, surgindo como uma motivação a mais, atraindo a criança para a atividade. Mas de onde vem a necessidade da competição? A presença de dois indivíduos dá início ao processo de comparação e, portanto, à descoberta de quem é mais ágil, mais rápido, mais forte.

Sabendo que a brincadeira e o jogo são atividades inerentes à infância e que a competição pode surgir de forma espontânea, as aulas de Educação Física são os momentos em que tais manifestações são mais evidentes. Neste contexto, o referido estudo vem contribuir para que se abram novas perspectivas de visualizar a competição na Educação Física e demonstrar seu espaço e relevância nas aulas de 1ª à 4ª série, num prisma de cooperação e de desenvolvimento na educação global da criança.

1.2 JUSTIFICATIVA

Muito se tem falado e escrito sobre o homem e sua natureza competitiva. Isto se dá em qualquer segmento da sociedade, e por que não na escola? É neste ambiente que, desde a infância, pode-se observar esta característica do indivíduo.

Nos jogos e brincadeiras da criança é fácil identificar atitudes competitivas que surgem a partir do processo comparativo. Os conteúdos das aulas de Educação Física de 1ª à 4ª série são trabalhados através de jogos e brincadeiras proporcionando o momento ideal para a manifestação daquelas atitudes.

A presença da competição nas aulas de Educação Física é polêmica, pois gira em torno de sua aplicação ou não, bem como a melhor forma de aplicá-la. A competição existe, é inerente ao ser humano e, portanto, é preciso estudá-la para não simplesmente negá-la no processo educacional.

1.3 OBJETIVOS

Analisar, nas aulas de Educação Física de 1ª à 4ª série, o papel da competição, com suas causas e efeitos no desenvolvimento da criança, procurando mostrar a sua melhor forma de utilização.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 A COMPETIÇÃO

A história da humanidade tem mostrado a busca do ser humano pela perfeição, seja no trabalho, nas relações sociais, na escola, no lazer. Essa busca da perfeição gera uma inevitável comparação de valores e habilidades propiciando uma auto-conscientização.

A escola, sendo a preparação para o trabalho e para a vida, tem em sua essência a competição, que pode ser externa ou interna. A competição externa se mostra pela auto-afirmação perante um grupo descobrindo quem é o mais rápido, o mais forte, o mais hábil. A interna consiste na superação pessoal a partir da comparação de valores próprios com valores de outros indivíduos.

Ao se falar em escola cabe ressaltar a importância da Educação Física, que tem no jogo um dos seus conteúdos mais representativos. O jogo ou o esporte representa, num contexto lúdico, as ações individuais e coletivas das pessoas e da sociedade (FREIRE, 1992). A competição sendo uma característica do ser humano, não nasce no jogo, mas nele é representada e portanto é inerente às aulas de Educação Física.

Mas, afinal, o que é competição? Que variáveis psicológicas e sociais estão envolvidas? A competição é um processo de comparação social que ocorre quando formas alternativas de avaliação pessoal não estão disponíveis. Consiste numa situação de realização social e, portanto, com variáveis psicológicas e sociais muito presentes como a auto-estima, a

aceitação dentro de um grupo, o respeito às limitações individuais e às regras. O indivíduo procurará situações que proporcionem a obtenção de informações sobre si próprio comparando-se com determinados padrões sociais existentes (FITINGER e MYERS citados por VIANA, 1989a).

A existência de uma cultura infantil de jogos competitivos torna as aulas de Educação Física momentos adequados para a auto-afirmação por meio de comparação dentro do grupo. A criança tem um desejo natural de aproximação com outras e de participar em atividades que levam à competição, à afirmação da superioridade.

Para NAHAS (1981) a competição é intra-grupal e visa estimular a melhoria dos padrões individuais e favorecer a existência de muitos vencedores, descaracterizando a negatividade da derrota. Dentro desta análise surgem outras duas importantes variáveis psicológicas: a motivação e a ansiedade. A motivação diz respeito à vontade e à satisfação na realização de uma tarefa. Para BERGAMINI (1986) não se consegue obrigar ou coagir uma criança para que ela brinque, pois a partir daí ela perderia seu sentido mais autêntico.

Quando uma criança decide participar de uma atividade, os riscos e benefícios são encarados de forma muito pessoal, caracterizando a ansiedade. A ansiedade é uma resposta de natureza comportamental, fisiológica e psicológica, devido à incerteza da criança diante da exigência que lhe foi dada e à maneira como ela se relaciona com seu meio social.

A competição é uma característica do jogo, que faz parte do conteúdo curricular de Educação Física, de 1ª à 4ª série. A competição torna-se polêmica por estar na escola e por seus efeitos no comportamento

social e psicológico da criança.

2.2 A COMPETIÇÃO COMO FATOR DE MOTIVAÇÃO NA ATIVIDADE FÍSICA DA CRIANÇA.

Todo profissional de Educação Física deveria procurar desenvolver nos alunos o gosto pela atividade física e pelos seus valores, da mesma forma que ensinam e desenvolvem atitudes positivas em relação a todo o tipo de atividade física para que a criança goste e pratique por toda vida. Para que isto ocorra, alguns aspectos devem ser observados pelo professor de Educação Física durante a execução de seu trabalho.

Quando se fala da competição, é importante compreender o que leva uma criança a praticar o desporto ou a sentir-se bem participando de atividades ou jogos competitivos nas aulas de Educação Física. Este último ajusta-se mais às pretensões deste trabalho.

A motivação é um fator importantíssimo, seja nos treinos ou nas aulas, para fazer com que a criança desenvolva as atividades. Não é simples entender o que motiva o indivíduo, quanto mais a criança dentro do seu mundo. Para ALDERMAN citado por SERPA (1990), motivar um jovem atleta ou, neste caso, uma criança, vai além do encorajar com prêmios ou punir com castigos. É preciso ter o conhecimento dos fatores de motivação e, também, saber usá-los da melhor forma.

Sabe-se que a aproximação natural das crianças em atividades, levam à competição, à afirmação da superioridade. Pode-se dizer que este

é um motivador natural: a necessidade de superar até mesmo a si próprio. Para NAHAS (1981), a competição é um estimulador por si só para a participação em atividades.

Sendo assim, pode-se compreender que a competição é um motivador potente, podendo também trazer efeitos positivos ou negativos. Mas, então, a competição poderá cair em uma situação de premiar e castigar. Correto, mas ao se falar em atividade nas aulas, as análises não são tão simples. Para VIANA (1989a), a competição consiste numa situação de realização social, onde suas capacidades estão em jogo, sendo avaliadas por possíveis espectadores. E, assim, a criança sente-se motivada a continuar e melhorar suas capacidades em um jogo, para, então, ter o reconhecimento público.

O grau de complexidade da atividade traz níveis de motivação diferentes. Segundo SINGER (1977) uma atividade relativamente simples traz uma motivação mais alta, uma atividade moderadamente difícil gera uma motivação moderada e uma atividade relativamente difícil tem uma motivação mais baixa. Também quanto mais difícil, mas ainda possível, a criança cria novas expectativas sentindo necessidade de superar-se. Se, por outro lado, a atividade está em um nível além de suas capacidades, logo é deixada de lado.

Como fator motivador tem-se ainda a avaliação externa. Observa-se que modalidades individuais possuem um potencial de avaliação externa maior, devido a uma maior exposição, obrigando a criança a suportar uma pressão competitiva maior e riscos de avaliação negativa (GRIFFIN, 1972; JOHNSON, SIMON e MARTENS, 1979 citados por VIANA, 1989a). Atividades

coletivas trazem uma oportunidade maior para a demonstração de habilidades, sem uma possível avaliação externa negativa. Nas aulas de Educação Física, a maior parte das atividades são coletivas, e neste tipo de atividade a competição é uma consequência, com emoções, atitudes e maturações diferentes; crianças em níveis de desenvolvimento diferentes, o que torna a motivação de um grupo tão difícil e complexa.

Com esta dificuldade surgem erros na tentativa de motivação, tornando as atividades cada vez mais competitivas. CRATTY (1984) cita o conhecido problema de se queimar etapas da criança com atividades de alto grau competitivo. A motivação intensa, por prêmios e castigos, tem um efeito que reduz o interesse de participação. BERGAMINI (1986) aceita esta teoria e acrescenta que motivar alguém, já motivado internamente, com prêmios ou punições não só cria desconforto, como desmotivação.

Quanto à competição, SRONG, citado por CRATTY (1984), em seus estudos, a declara também como motivador principal. A competição é, de certa forma, o incentivo procurado pelas crianças. Dentre os motivos encontrados para a participação nos jogos está a "busca da vertigem" (CRATTY, 1984, p.150). Como exemplo, a criança que roda sem parar até ficar tonta, para sentir a sensação de estar fora de si e ela mesma conseguir recuperar seu equilíbrio. A competição é isto: num primeiro momento estonteante, não compreensível, mas o prazer surge em desvendá-la e entendê-la.

Existem duas formas de motivação: a extrínseca e a intrínseca (CRATTY, 1984). A intrínseca é o desempenho estimulado pelo próprio interesse para a tarefa; a extrínseca é aquela onde o desempenho é

estimulado por recompensas externas. Para CRATTY (1984) é muito mais interessante uma criança internamente motivada. Isto faz sentido, pois ao desenvolver atividades competitivas ou qualquer atividade nas aulas de Educação Física, é necessária uma motivação para que haja a participação dos alunos. E para a criança internamente motivada a atividade torna-se mais agradável, além de o professor não precisar lançar mão de tantos artifícios. No entanto, sempre surgem algumas resistências e para vencê-las, é importante despertar o valor da atividade e não o valor da nota pela participação. Estudos realizados indicaram que a aplicação constante de recompensas externas em crianças que já estavam interessadas na atividade, poderia causar uma mudança de si mesmas e da situação em que estavam inseridas. Assim a criança, que de certa forma, tinha um controle da situação percebe, pelo oferecimento dos prêmios externos, que não controla mais e atribui os sucessos e os fracassos a fatores externos. O incentivo, como recompensa externa, deve ser cuidadosamente aplicado nas atividades físicas ou nas competições atléticas, para não gerar um descontentamento e um desligamento da atividade, justamente por esta provável perda de controle.

A aula de Educação Física para a faixa etária de 7 a 11 anos é quase que exclusivamente desenvolvida por meio de jogos. Os jogos são o brilho da aula aos olhos do aluno. Para BERGAMINI (1986) o jogo e a motivação são atividades espontâneas, pois dependem somente das predisposições internas. Tanto um como outro devem levar a um estado de satisfação, o que significa dizer que o jogo, simplesmente, não faz milagres; precisa adaptar-se às necessidades da turma. A satisfação, para esta autora, é a

própria motivação. Ainda nesta análise, a forma que cada indivíduo utiliza para atender suas necessidades é particular, pois a motivação é interna e pessoal.

As experiências anteriores determinam os motivos para que o indivíduo execute uma tarefa. Para uma simples participação em um jogo, o indivíduo analisa a quantidade de características que se identificam com sua personalidade. Portanto, pode-se dizer que a motivação para uma atividade está relacionada com a proximidade entre as características da mesma e os objetivos pretendidos pelo indivíduo.

Segundo a teoria dos instintos (BERGAMINI, 1986), ninguém pode motivar ninguém. A motivação vem das necessidades humanas e não das coisas que as satisfazem. Assim, o professor segundo esta teoria, não é o motivador, mas sim as atividades que apresenta às crianças, são as responsáveis. Não há fórmulas para se conseguir motivar alguém, mas o professor deve estar atento à maneira pessoal de cada um atingir suas metas, para que não crie desmotivações. Por exemplo: a criança que se sente injustiçada por algum lance do jogo, deve ser ouvida e sua opinião respeitada, para que não se sinta ridicularizada, com sua auto-estima diminuída e desmotivada. Sabendo que a motivação é interna e depende da maneira como cada um age, deve-se saber que "a preocupação mais correta não deve ser a que busca o que fazer para motivar as pessoas, mas aquela que esteja voltada principalmente em prevenir que determinadas situações venham a desmotivar as pessoas" (BERGAMINI, 1986, p.113).

A motivação, já se sabe, é importante para o desempenho nas

atividades. Mas quanto maior a motivação, melhor o desempenho? Segundo SINGER (1977) isto não é verdade. Nem todas as atividades necessitam um alto nível de motivação. Para o autor existem ocasiões onde o motivo principal pode ser o alcance de uma recompensa; em outras ocasiões pode tomar a forma de um impulso interno para o sucesso, para provar ou conseguir algo ou para se auto-realizar. O aumento da motivação eleva a concentração, a atenção e tensão. Em alguns momentos, para certas crianças e certas atividades, motivação excessiva pode ser desastrosa. Outra fonte de motivação é o conhecimento de resultados, fornecido pelo professor, referente à qualidade do desempenho. SINGER (1984) concorda com a afirmação de que a competição é uma excelente fonte de motivação.

2.3 ANSIEDADE: EFEITOS POSITIVOS E NEGATIVOS

A competição é, por si só, uma experiência ansiogênica. A ansiedade surge quando a criança percebe que não será capaz de responder com êxito às exigências da competição.

Se a ansiedade, segundo VIANA (1989b) surge quando o indivíduo está incerto acerca do que pode fazer para responder eficazmente ao que lhe é exigido. É importante inverter esta situação para reduzir o nível de ansiedade na competição, reduzindo a incerteza quanto às expectativas e, também, reduzir a importância da competição. A redução da importância está ligada a uma filosofia de trabalho correta. Uma filosofia que garanta o apoio à criança que comete erros. Pois, segundo FRISCHKNECHT (1990)

se há uma falha e a ansiedade não foi diminuída, a criança se sentirá inferior, com baixa auto-estima e criticará a si mesma. Uma crítica ao derrotado é quase sempre mais ineficaz que um reparo ao vencedor (VIANA, 1989b).

A importância de uma atividade e o seu nível de ansiedade tem a ver com as experiências de sucesso e insucesso de cada criança.

Quanto mais freqüentes as experiências de insucessos, maiores as probabilidades de a criança desenvolver relações problemáticas com colegas e adultos;

Quanto maior o número de insucessos anteriores, maiores as expectativas de insucesso e maiores as chances de perceber as situações como perigosas;

Por outro lado, a qualidade do suporte emocional e liderança prestada pelos adultos mais próximos pode reduzir as conseqüências negativas.

(PASSER citado por VIANA, 1989a, p.34)

Para FRISCHKNECHT (1990) a ansiedade resulta de uma maneira de encarar o mundo em geral, ou as competições. Portanto, é preciso aprender a encarar os fracassos não como perda, mas como parte do processo de aprendizagem. Pois "não é o contexto que cria a ansiedade, mas sim a maneira como este é encarado" (FRISCHKNECHT, 1990, P.23).

As emoções geradas pela situação de competição podem inspirar ou inibir o desempenho. Emoções positivas são benéficas. Mas, quando a excitação se transforma em ansiedade, o indivíduo pode vir a cometer erros. É preciso saber lidar com a ansiedade, porque se esta passa do limiar positivo prejudica o desempenho, o entendimento e, até mesmo, perde-se a lucidez.

Fica claro, para VIANA (1989a), que a criança é dependente dos

fatores externos, não só como estímulo, mas como uma base para a participação em atividades físicas de forma positiva, realmente voltada para a aprendizagem. Outros fatores ansiogênicos são atitudes e comentários dos adultos ao redor da criança envolvida na competição, seja no esporte ou nas aulas de Educação Física, cujo objetivo é a aprendizagem. Se se está aprendendo capacidades e limitações do seu corpo, convivência e respeito ao colega, é normal que surjam dificuldades e comparações. Desta forma a ansiedade aparece junto com a necessidade de afirmar-se como indivíduo com capacidade e habilidades.

Neste contexto outro tipo de interação marcante para a criança é a sua relação com os colegas, (GONÇALVES, 1989), que para algumas pode ser perfeitamente natural e para outras, extremamente ansiogênica, devido à maneira pela qual a criança sente necessidade de afirmar-se. As características comportamentais do professor também podem afetar a ansiedade da criança diante de uma atividade.

Mas para VIANA (1989b) um dos problemas mais freqüentes, relacionado com a ansiedade, é a identificação dos pais com seus filhos. Esta identificação pressiona demasiadamente as crianças que acabam por estabelecer objetivos irreais nas suas atividades, gerando grande sofrimento, pois estarão sempre ansiosos para atingir metas estabelecidas por seus pais. As crianças devem ter a chance de desenvolver seu potencial, na sua própria escolha. Ainda sobre a relação pais, filhos e ansiedade nas atividades físicas, KROHNE citado por VIANA (1989a) diz que o padrão de interação entre a criança e os pais é um processo marcante para o desenvolvimento de expectativas negativas acerca da

competência individual. O reforço recebido dos pais é que definirá o nível de ansiedade da criança diante das atividades competitivas. Quanto maior a cobrança, maior o nível de ansiedade. Por outro lado se a criança recebe um reforço positivo, seja qual for o resultado da atividade, compreenderá o processo e não desenvolverá níveis altos de ansiedade nas próximas experiências.

2.4 INFLUÊNCIAS EXTERNAS

2.4.1 Envolvimento dos pais

O comportamento da criança nas atividades de aula ou, até mesmo, nas quadras depende em muito da maneira pela qual seus pais agem e reagem quando essa criança fracassa ou triunfa nas suas primeiras tentativas de chegar ao êxito. Não só atleticamente falando, mas referindo-se à vida como uma eterna aprendizagem.

A pesquisa de SMOLL, SCHULTZ, WOOD e CUNNINGHAM citados por CRATTY (1984) comparou a frequência de envolvimento dos pais nos esportes com as atitudes dos filhos em relação à atividade física. Concluíram que o mais importante é a qualidade de envolvimento dos pais e não a quantidade deste envolvimento. Assim, é simples compreender a influência externa neste caso; mas ela não vem e vai à medida que é solicitada, esta influência tem raízes porque "a qualidade de participação esportiva da criança pode ser basicamente influenciada pelo ambiente de

sua primeira infância" (CRATTY, 1984, p.147).

A família pode influenciar no nível de agressividade da criança. Famílias que rejeitam seus filhos podem gerar altos níveis de agressividade nas crianças. A forma como os pais tratam e repreendem comportamentos agressivos, também são pertinentes nas atitudes da criança.

É claro afirmar que os pais desempenham um papel significativo não só na iniciação esportiva de seus filhos, como também na continuidade desta. Além de influenciar nos valores da prática da atividade como, por exemplo, o espírito desportivo. Quanto mais pressão as crianças sofrem por parte dos pais, no sentido de vitórias nos jogos, nunca perder e desempenharem bem seu papel, até mesmo em aulas de Educação Física, mais baixo é o comportamento desportivo.

Como curiosidade, GONÇALVES (1989) cita a decisão de uma liga de hóquei no gelo do Canadá, na categoria de 10 a 12 anos. Não se permitiu a assistência de familiares nos jogos, pois estes além de incitarem comportamentos errados, também chegaram a discutir entre si, produzindo cenas de agressão. Potanto, a percepção que a criança tem da atitude dos seus pais face à prática desportiva, fica comprometida. Como também fica comprometido o comportamento da criança nas atividades que realiza.

2.4.2 A postura do professor

O estilo de educar a criança, na escola, influencia em muito suas atividades diante de atividades competitivas. Para CRATTY (1984) existem quatro formas básicas nas quais as crianças se enquadram e o professor poderá aproveitar:

- sistema de autoridade absoluta; dentro de um time ou em uma aula é autoritário; a atividade junto com os valores morais são os mais importantes, não há espaços para bagunça;

- o caprichoso. É bastante complicado, pois é uma criança desmotivada e com flutuações de humor. Nunca se sente responsável pelas atividades e para com os colegas;

- educação superindulgente. São crianças extremamente protegidas pelos pais. Nas aulas é dependente e necessita, o tempo todo, de aprovação do professor;

- estilo criativo. Esta criança tem a oportunidade de explorar alternativas para resolver seus problemas. Dentro de atividades nas aulas, esta criança é sensível a forças sociais dentro do time, como também tem sugestões úteis.

O professor de Educação Física, seja nas aulas ou em esportes juvenis, entra na vida da criança e, se for sensível, sentirá estas diferenças de personalidade. Poderá, com isto, lançar mão de diversas técnicas para um bom andamento da sua aula.

Por outro lado, o professor que for insensível a estes sistemas educacionais, só tende a perder, pois insistirá em atitudes incorretas.

Tais atitudes podem vir a influenciar ou até mesmo revoltar as crianças. A partir daí é possível compreender atitudes agressivas, desmotivadas, ações egoístas das crianças em aula, treinamento ou brincadeiras direcionadas. O professor talvez não se aperceba, mas tem uma influência fortíssima sobre a criança. Os seus reforços são responsáveis pela auto-visão e expectativas de sucesso ou fracasso dos alunos.

Várias vezes é fácil analisar um campeonato de fraldinhas ou semelhantes, onde o técnico incentiva a agressão, o vencer a qualquer preço. As crianças sob esta direção, desconhecendo suas conseqüências, obedecem de forma incondicional. É um exemplo da força de presença do professor. Este precisa estar atento às atitudes das crianças e suas próprias atitudes, pois os anos passam e o professor continua, de uma maneira ou outra, a ser uma forma de espelho para seu aluno. O professor, no calor da competição, se encontra algumas vezes em conflito entre dois objetivos: sociabilização positiva e o sucesso (GONÇALVES, 1989). Acaba cedendo à pressão e esquece de incentivar os valores morais e sociais de uma competição (mais observáveis nas atividades de uma aula) e valoriza a vitória. Esta atitude pode confundir seus alunos. Estudos de VAZ citado por GONÇALVES (1989) demonstram que quanto mais o treinador põe em evidência a vitória, mais as crianças sentem-se legítimas em atitudes de jogo, mesmo ilegais e violentas.

2.4.3 O convívio com os colegas

A criança em todo momento brinca e compara-se com seus colegas. Sempre quer sentir-se aceita e integrante do grupo e "sempre que uma criança ou um jovem desejam fazer parte de um grupo, adotam com naturalidade as atitudes do grupo, conformando-se com suas regras" (GONÇALVES, 1989, p.14). A partir disto é fácil compreender porque em casa as crianças são "anjos" e na escola, nas aulas, tornam-se intratáveis.

Daí derivam comportamentos violentos, com grande carga emocional e, muitas vezes, sem motivos. Em momentos de atividades físicas competitivas o principal objetivo, a meta da criança é desvirtuada para outras como ser tão habilidoso quanto..., tão popular, tão forte e assim por diante. Isto é perfeitamente normal, mas deve ser contornado para que cada qual descubra sua potencialidade dentro da atividade e atinja o objetivo do mesmo.

2.4.4 Os meios de comunicação

Os meios de comunicação, nesta área, são fatores de influência determinantes, principalmente a televisão. Constantemente está divulgando a imagem de atletas profissionais representando magnificamente suas equipes. Mas, por trás disto está, infelizmente, outros interesses que não os puramente desportivos.

As crianças, não só as praticantes do desporto, aprendem a

assimilar, além do gesto técnico, as atitudes praticadas por seus ídolos (GONÇALVES, 1989). A maioria dos modelos passados pelos meios de comunicação, são atletas de competição de alto nível onde a vitória é a meta; atletas que dedicaram suas vidas para vencer campeonatos. A criança, inocentemente, toma isto como verdadeiro, passando a agir como seu ídolo. Para GONÇALVES (1989) os jornalistas que divulgam o evento devem preocupar-se com sua influência, passando a informação de sorte que não interfira de forma marcante na opinião pública.

2.5 O JOGO

Este estudo, sendo um estudo da competição nas aulas de Educação Física, não poderia deixar de analisar o jogo como conteúdo destas aulas, pois é onde surgem as primeiras expressões da competição.

Logo ao nascer e nos seus primeiros anos de vida a criança, no impulso de identificar suas novas funções: mexer a cabeça, engatinhar, gritar, o faz através dos chamados jogos funcionais. Para CHATEAU (1987) é no jogo que cresce a inteligência através da limitação e experimentação. A infância é a aprendizagem necessária à vida adulta. Nesta época brinca-se e joga-se e emergem as possibilidades, as potencialidades virtuais que são combinadas e assimiladas durante o crescimento e desenvolvimento da criança, pois "o crescimento de cada criança é a história da Bela Adormecida em que o jogo desempenha o papel do Príncipe" (LEE citado por CHATEAU, 1987, p.15). Potanto é compreensível que as aulas de

Educação Física, com seus jogos, sejam tão importantes e esperadas pelas crianças que podem mostrar tudo o que desejam e que sabem, livres de comentários importunos, pois estão no jogo e, aí tudo é justificável.

Para CHATEAU (1987), durante o jogo, a criança possui um mundo só seu, uma nova personalidade onde pode ser a soberana do momento; diferente de algumas situações em que nada mais era que submissa; pois se o próprio adulto procura no jogo o esquecimento de seus problemas e uma grandeza ilusória. A criança por sua vez, pode despertar um ser grande e capaz nesta fuga da sensação de pequena nas atividades lúdicas. Significa que, na criança, esta abstração é necessária e benéfica, é um exercício no plano imaginário que ajuda na preparação para a vida séria de adulto.

Ainda para este autor, o jogo é uma atividade séria porque é pelas conquistas da criança no jogo que ela afirma seu ser, sua autonomia e desenvolve uma personalidade calcada nas suas experiências. O jogo é uma prova de habilidades e capacidades e, daí, a necessidade de um público para que a criança sintam-se orgulhosa de seus feitos e perceba se atingiu seu objetivo; aí que se encontra a seriedade do jogo: conseguir provar suas capacidades e habilidades.

Dos 7 aos 11 anos destacam-se os jogos de valentia: saltar mais longe, correr mais rápido, ser o mais forte. São provas que afirmam todo o valor do jogador. É a competição propriamente dita iniciando por pequenos desafios que se tornam mais importantes à medida que o público afim dos jogadores assiste à competição e, inevitavelmente, age como juiz. Mas a prova do jogo vale apenas no momento da realização; é

preciso recomeçá-la sempre; é uma constante afirmação do eu da criança. Ela deseja possuir os poderes do adulto, ela precisa crescer e de que outra maneira, senão pelo jogo, esta criança ansiosa pode crescer e conseguir credibilidade? Portanto, o jogo representa para a criança o papel que o trabalho tem para o adulto.

O jogo infantil é descoberta, criação, sociabilização. Uma criança que não quer brincar é uma criança cuja personalidade não se afirma, que se contenta em ser fraca e pequena, um ser sem determinação, sem futuro (CHATEAU, 1987). A história das atividades lúdicas é a história da personalidade infantil. Mas o jogo e, conseqüentemente, a competição são muitas vezes desgastantes e até mesmo esgotam. Então qual o valor disto para a criança? O valor está no fato deste desgaste ser o estímulo, o motivo para continuar. Quanto mais velha a criança, maior a busca por jogos mais difíceis que a faça procurar novas formas de executá-los, o que faz desenvolver a inteligência e os sentimentos. O jogo tem um caráter social. Sendo um agrupamento de pessoas, introduz a criança na vida social ensinando a relacionar-se.

A escola atual vem trabalhando as atividades massantes que precisam ser feitas, com jogos apropriados que, além de ensinarem, coloboram na aquisição da idéia de execução de tarefas. Mas CLAPARÉDE, citado por CHATEAU (1987), diz que a educação deve ser funcional e não atraente. O jogo, além de atraente é funcional, pois trabalha valências físicas e cognitivas, educando e ensinando.

Uma outra característica do jogo é a competição. Muito se fala do seu uso, pois sendo comparação poderá criar na criança um complexo de

inferioridade. Mas para CHATEAU (1987) a criança que se mostrou inferior durante um jogo competitivo, não se inferioriza, mas sim pensa no momento da compensação, da desforra. É uma característica da índole da infância. Outro ensinamento dos jogos está na existência de um amor à regra, à ordem e à disciplina na criança. Por vezes isto não fica bem claro, mas é uma realidade: sem uma regra, uma ordem o jogo não é tão sedutor.

3. CONCLUSÃO

A pesquisa buscou fundamentos para uma análise da competição na Educação Física de 1ª à 4ª série, procurando compreender seu papel, seus efeitos e demais fatores envolvidos como a motivação, a ansiedade e influências externas.

A partir desta análise pôde-se perceber que a competição surge de forma espontânea na criança, naturalmente dentro do contexto da atividade. Sendo assim, torna-se difícil e quase impossível destituir a competição das atividades de aula. Ela é um motivador natural, pois lança desafios à criança que tentará superá-los dentro de um contexto alegre e prazeroso. Sabe-se que a motivação é o que move o indivíduo em busca de seus objetivos. A competição é uma importante aliada para atingir os objetivos da criança: a afirmação da personalidade, da auto-estima e de suas capacidades e habilidades.

Outro dado relevante é a competição como uma atividade ansiogênica. Mas deve-se compreender que esta ansiedade surge em atividades com níveis mais altos de competição, o que nas aulas é inviável. Pois, se a competição surge de forma espontânea, deve ser assim encarada e trabalhada como mais um comportamento em meio a tantos outros. Assim, surge um ponto mais importante: a postura do professor diante deste comportamento.

A competição é uma situação delicada e estressante, pois todos ficam expostos e sob a avaliação de outros (colegas, pais, professor) e qualquer que seja o resultado do jogo ou da atividade refletirá na

criança, positiva ou negativamente. Se o professor não estiver atento às diferenças individuais e aos objetivos de sua tarefa, poderá deixar passar uma oportunidade de comentar e dar o valor educativo daquela atividade competitiva.

Se a criança, ao participar da aula, se percebe sempre como perdedor, como apenas mais um no grupo e não entende seu papel, fatalmente se desmotivará e se colocará alheia à qualquer atividade. Mas se a motivação é interna e refere-se aos objetivos individuais, o que fazer? O professor não é o responsável pela motivação, mas sim o facilitador, a luz no caminho aos objetivos. Portanto deverá sempre ressaltar a importância de cada um, demonstrando que todos são essenciais, que com a falta de um indivíduo, o grupo não seria o mesmo. E o mais relevante: demonstrar que sem vencidos jamais haveriam vencedores e que o derrotado de hoje poderá ser o vitorioso de amanhã.

O professor, como já visto, é um modelo de comportamento para a criança. Se ele conduz atividades de forma competitiva, seus alunos a aceitarão, da mesma forma e o oposto é verdadeiro. A criança está inserida na sociedade e absorve todos os comportamentos e atitudes ao seu redor. Não é simplesmente retirando o ponto falho do grupo que se resolverá o problema, mas sim educando-o da melhor maneira possível.

O objetivo das aulas de Educação Física é a aprendizagem, para o melhor crescimento, tanto físico quanto cognitivo. Sendo assim, a competição, conduzida dentro de uma filosofia de trabalho correta, é de suma importância, trazendo subsídios excelentes para o auto-conhecimento, o respeito mútuo e à compreensão no cumprimento de

funções. Portanto, não é retirando formas competitivas das aulas que se estará eliminando determinados comportamentos.

A competição é uma característica humana que garante a própria sobrevivência e, na criança, assume uma forma ingênua e até mesmo pura. A inocência da criança é abalada quando a influência de adultos, com seus conceitos e padrões, é constante e significativa. A criança deve estar livre de tais influências e viver no seu tempo, deixando que a competição continue, na infância, surgindo de forma espontânea. Para tanto é preciso encarar a competição, nas aulas de Educação Física, como um meio e não como um fim.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BERGAMINI, Cecília Whitaker. Motivação. São Paulo: Atlas, 1986.
2. CHATEAU, Jean. O jogo e a criança. São Paulo: Summus, 1987.
3. CRATTY, Bryant J. Psicologia no esporte. 2ª edição. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil, 1984.
4. FREIRE, João Batista. Educação de corpo inteiro. 3ª edição. São Paulo: Scipione, 1992.
5. FRISCHKNECHT, Paulo J. A influência da ansiedade no desempenho do atleta e do treinador. Revista Treino Desportivo, Lisboa, v.15, p.21-28, mar.1990.
6. GONÇALVES, Carlos Alberto. O espírito desportivo na formação do Jovem praticante. Lisboa: Ministério da Educação, 1989.
7. NAHAS, Markus Vinicius. A competição e a criança. Revista Comunidade Esportiva, Rio de Janeiro, v.2, n.15, p.2-5, 1981.
8. SERPA, Sidonio. Motivação para a prática desportiva. Ministério da Educação – desporto escolar, Porto, 1990.
9. SINGER, Robert N. Psicologia dos esportes: mitos e verdades. 2ª edição. São Paulo: Harper e Row do Brasil, 1977.
10. VIANA, Miguel Faro. Competição, ansiedade e auto-confiança. Revista Treino Desportivo, Lisboa, v.2, n.13, p.25-34, 1989a.
11. VIANA, Miguel Faro. Competição, ansiedade e auto-confiança. Revista Treino Desportivo, Lisboa, v.2, n.13, p.52-61, 1989b.